

A DIVINIZAÇÃO DO DINHEIRO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A avidez de dinheiro, que se agraava e se generaliza nos dias de regime inflacionário, não se explica cabalmente pelos desejos que movem os homens na perseguição de certos bens materiais. É claro que nos primeiros passos da procura do dinheiro estão os instintos fundamentais de sobrevivência. — Nesta primeira etapa, não atingida pela maior parte da humanidade de hoje, como se cansa de mostrar o padre Pierre que está atualmente visitando a nossa miséria, o dinheiro é procurado como instrumento intermediário entre o pão e a boca. Num grau mais avançado encontramos, por exemplo, o moço que sonha casar-se e ter filhos, e para satisfazer esse antigo desejo precisa ter um teto e alguns móveis e utensílios, e por conseguinte, precisa dinheiro. Num terceiro degrau encontramos a dona de casa que deseja um refrigerador, ou o professor universitário que sonha com uma Hi-Fi que lhe dê a presença de Mozart ou de Bach, e assim lhe proporcione uma das mais altas e puras alegrias que se leva desta vida. Esses desejos são razoáveis, e razoável será o correlato desejo dos meios para atingir tais fins. Podemos esticar um pouco a linha de ambição e chegar até o desejo de um automóvel que para o desventurado carioca de nossos dias nada tem de supérfluo ou suntuário. Tudo isso é razoável, e esses desejos podem ser vistos como traços de dignidades e não como extravasações dos instintos. É claro que em certos casos o mais razoável dos desejos se serve de meios discutíveis. Embora seja legítimo o desejo de um automóvel não podemos concordar que a satisfação dele seja conseguida pelo assassinato do dono anterior, ou mesmo por uma dessas facilidades que se observam entre os homens públicos, mormente em país subdesenvolvido. A moral de todos os moralistas concorda neste ponto da necessidade de condicionar os meios para o atingimento dos fins. Ainda que o fim seja bom, nem todos os meios o são. Às vezes parecerá, como pareceu ao Raskolnikoff, que temos o direito de matar uma velha para arrebatar de suas mesquinhas e inúteis mãos a riqueza que nas nossas terá outra vida e outro fulgor. Guardadas as proporções, tive outro dia, um desses assomos, quando vi que não podia comprar uma enciclopédia Britânica ou Chamber, e quando me deixei levar pela embriagadora idéia de que, afinal de contas, minha condição de escritor, jornalista e professor universitário me dava um incontestável direito de possuir esse instrumento de trabalho, e que somente uma grave distorção social explicaria a dificuldade de aquisição. Não cheguei a planejar o assassinato de nenhum livreiro, e graças a um exercício já tornado familiar, pude sopitar meus instintos bibliófilos e desistir da enciclopédia. Mas nessa ocasião, experimentei vivamente a falta de dinheiro, e valorizei fortemente esse precioso intermediário entre o homem que lê e o homem que imprime livros.

Há, porém, nesta questão de dinheiro, um ponto de inflexão, um desvio ou ultrapassagem de uma barreira, que aliás, pode começar muito antes da conquista da magnificência e até pode ser encontrado nos sonhos de algum mendigo, e que nos leva a desejar o dinheiro de um modo peculiar em que se escurece ou se dilui o objeto visado como fim. O homem que toma essa direção quer o dinheiro para se libertar de uma servidão mais do que para adquirir alguma jóia cobiçada ou algum dicionário ardentemente desejado. Quer o dinheiro como bálsamo de uma profunda ferida que dói no coração dos homens e que os filósofos contemporâneos denominam com termos variados e mais ou menos sugestivos. O medo, o desamparo, o sentimento profundo de dependência, do qual a dependência econômica é apenas uma das manifestações mais superficiais, são as forças que levam o homem a procurar o talismã que assegure a posse do que não chegou a ser desejado, ou o domínio do que não chegou a ser cobiçado. Os sentimentos mais enérgicos do homem perdem a claridade objetiva e ganham um novo vigor em sua dinâmica noturna e subjetiva. O dinheiro é desejado para que os verbos mais objetivos e extrovertidos se tornem voltados para dentro e deixem de ser transitivos. O homem rico, nessa nova visão do cosmos, é o homem que pode, é o homem que tem. Pode, sem complemento, ou com um implícito complemento infinito. Tem, sem objeto, ou com uma oculta largueza que corresponde a um anseio da alma humana. A alma humana tem aberturas para o infinito e está sujeita, por sua condição de forma de um ser carnal, as contingências e vicissitudes humilhantes, penosas, e até aterrorizantes. O dinheiro, desejado deste modo especialmente oblíquo, parece atender àquele ângulo vorazmente aberto da alma humana, e parece ser o bálsamo de todas as angústias.

O leitor perspicaz já descobriu que o homem que deseja o dinheiro desse modo indeterminado e desobjetivado, deseja-o com a vembência e com a "pureza" com que os santos desejam a graça de Deus. A imitação tem a perfeita simetria da oposição: o dinheiro, nessa depurada e descarnada pers-

pectiva, tem qualquer coisa que lembra o sacramento que também foi dado ao homem como bálsamo de uma ferida profunda e alimento de uma fome inextinguível. E por isso, não haverá exagero em dizer que em toda essa trama em que a alma humana se pretende curar e exaltar há dedo do Diabo.

O dinheiro, nessa especial perspectiva psicológica, ganha o estranho poder de alçar o homem acima de sua própria natureza e de divinizar-lo. Sim, tem eficácia sobrenatural, pois de outro modo não se explica a transfiguração que opera e que tira o agraciado do nível da humanidade comum, nem se explica o desembaraço com que se destacam, se segregam, se consideram desobrigados daqueles outros que obscuramente se movem na multidão dos necessitados.

Em duas direções distintas, às vezes coexistentes no mesmo sujeito e até na mesma época da vida, evolui esse "caminho da perfeição" dado pelo dinheiro: na direção da onipotência e da vontade de poder, e na direção da pura autonomia, da pura participação de uma espécie de "aseidag" divina. Os argentários que vivem a volúpia do próprio poder, experimentando "ad extra" a volúpia suplementar da inveja e da humilhação dos deserdados, seguem aquela primeira via. A outra pertence aos angelizados da boa vida,

aos que vivem gozando a leveza do ar e a leveza dos dias. "Their real dream — diz-nos o crítico Malcolm Cowley em sua introdução à novela de Fitzgerald, "The Great Gatsby", que chamou o "romance do dinheiro" — was that of achieving a new status and a new essence of rising to a loftier place in the mysterious hierarchy of human worth". Eles vivem esse novo estado, essa nova essência, e atingem a mais sublime das moradas na misteriosa hierarquia dos valores humanos. Eles vivem no céu. Num céu de sua invenção. Num céu suave e macio, sem asperezas, sem atritos, sem obstáculos, e mediante os bons ofícios da publicidade aparecem aos olhos dos que ainda lutam dentro dos limites e das asperezas de um orçamento como temaventurados...

Eles vivem nesse céu. Em um famoso ensaio sobre a miséria, Charles Peguy, ainda socialista e já quase cristão, mostrava que há uma diferença enorme, essencial e não apenas gradual, entre a pobreza e a miséria, e chegava à conclusão de que a miséria é um círculo de ferro, uma prisão sem esperanças, uma espécie de Inferno na Terra. E para que aquele céu na Terra se mantenha em sua angélica "insouciance" foi preciso dilatar os limites do enorme campo de concentração, onde a pobreza se transforma em irremediável miséria.